

A SERPENTE MÍTICA: O CONFRONTO ENTRE O CONSCIENTE E O INCONSCIENTE EM JUNG

LE SERPENT MYTIQUE: LE CONFRONTATION ENTRE LE CONSCIENT ET LE INCONSCIENT DANS JUNG

Kelly Thaysy Cabral Lopes¹
Fabrício Possebon²

RESUMO

Este ensaio pretende formular hipóteses sobre o episódio de Thor e a Serpente do mundo, quando lançada ao Oceano; a transcrição das associações com Cristo quando se impulsiona contra a Serpente; e o mito da criação judaico-cristão. O desenvolvimento sobre tais lembranças confluirão com as teorias de Jung ao tratar do consciente, inconsciente e inconsciente coletivo. A observação da Serpente do inconsciente e a mesma do consciente será a grande questão, a transição da dualidade numa mesma figura denotará significados simbólicos de transculturação. Na verificação sobre a imagem simbólica dual, transitaremos no inconsciente sobre a serpente-feminino. Este desenvolvimento estará implícito em todo o estudo. Essa análise optará pela abordagem qualitativa, de valor teórico descritivo a partir de referenciais bibliográficos.

Palavras-Chave: Mito; Serpente; Inconsciente.

RÉSUMÉ

Cette essai prétend formuler des hypothèses sur l'épisode de Thor et le Serpent du monde, quand celle-là a été lancé à l'océan; la transposition des associations avec Christ quand s'engage contre le Serpent; et le mythe d'origine juif-chrétien. Le développement sur de telle remembrance, converger avec les théorie de Jung à traiter sur le conscient, l'inconscient et l' inconscient collectif. L'observation du Serpent de l'inconscient et la même du conscient seront les grandes questions, la transition de la dualité dans une même figure, témoigner des significations symboliques de transculturation. Dans la vérification de l'image symbolique double, nous transiterons dans l'inconscient sur le serpent-féminin. Ce développement sera implicite dans tout l'étude. Cette analyse optera pour un abordage qualitatif, de valeur théorie descriptif avec des références bibliographiques.

Mots-clés: Mythe; Serpent; Inconscient.

Introdução

A imagem simbólica da Serpente surge em diversas tradições e com as adequações significativas do contexto que se insere. Este estudo analisará a Serpente mítica em 3 situações diferentes: a 1ª a partir da observação interpretativa no livro sagrado judaico-cristão da narrativa mítica da criação do mundo, mais especificamente no

¹Mestranda em Ciências das Religiões pela UFPB. Contato: thaysy.lobes@gmail.com

²Professor do Departamento de Ciências das Religiões da UFPB. Doutor em Letras. Contato: fabriciopossebon@gmail.com

momento da inserção da serpente junto a versão oral Talmúdica que indica o mito de Lilith; a 2ª com a versão cristã bíblica do episódio em que é indicado em parábola o ato de Jesus Cristo que “pisará a cabeça da serpente”; a 3ª com a Serpente do Mundo, Jormungand, no episódio mítico Nórdico que narra a experiência do deus Thor.

Para as leituras e análise adaptaremos a teoria sobre o inconsciente a partir de Jung para uma observação indicativa e favorecendo o diálogo em hipóteses sobre os mitos propondo novas perspectivas sobre as narrativas, situando a imagem simbólica da serpente em relação com uma descaracterização sobre o que deve ser “caótico”.

A observação da experiência simbólica da serpente em tais contextos indicará um respaldo para a identificação dos pontos significativos sobre o inconsciente em Jung que segundo sua perspectiva, adequa pontos excluídos do consciente, mas que resplandece em instantes de consciência.

Jung explica a partir da experiência com uma paciente, a relação do Ser humano com o inconsciente que expressa o que pretendemos aplicar aos mitos mencionados para este estudo.

Recapitulemos: a paciente teve um ataque de riso quando o pai morreu; logo, estava definitivamente por cima. Tratava-se de um riso histérico, sintoma psicógeno, produzido por motivos inconscientes e não pelo eu consciente. Não devemos subestimar esta diferença, que permite ver igualmente onde e como se criam certas virtudes humanas. A contrapartida delas foi para o inferno, ou, em palavras mais atuais, para o inconsciente, onde há muito se acumulam os opostos das nossas virtudes conscientes (JUNG, 2012, p. 50).

Observando o inconsciente como o acúmulo de opostos que são lançados do consciente, dedicaremos inicialmente a análise comparativa na indicação sobre a serpente como uma imagem excluída de seu sentido próprio para um secundário imposto por relações de um consciente envolto em uma tradição.

O caos da transmissão de valores de tradições integradas no processo identificará, provavelmente, significados surpreendentes. O estudo do mito em sintonia com outra tradição e inversão de uma figura mítica em fluência com os valores do sentido de apropriação e indução de uma imagem de transferência do original para uma adequação caótica indicará muitos caminhos novos.

Para tanto o estudo se configura como de natureza teórica, quanto a sua abordagem, esta se define como qualitativa, empregando o valor de interpretações dos fenômenos e suas equivalências, a partir de referenciais norteadores de aprofundamento e investigação. Por fim, podemos classificá-la como exploratória já que se estabelecerá a partir de um levantamento bibliográfico.

A Serpente Mítica e o Caos

Entende-se a Serpente como um ser motivador de diversos caminhos simbólicos. Recordando exemplos, obtém-se a associação com a sabedoria e por sinal sendo reconhecida como símbolo de diversos cursos universitários na área da saúde como o caso da medicina; e quando esta figura simbólica é associada ao sagrado, integra um espaço que permeia uma história de expressões primitivas e contemporâneas. Mediante a todo o seu valor simbólico o estudo tornará viável a observação sobre uma perspectiva da

simbólica do mal frequente e presente em diversas tradições religiosas e narrativas míticas, que manterá como princípio à pesquisa, a imagem da serpente no Jardim do Édem, conforme o mito da criação judaico-cristão, idealizadora da grande desobediência que vai gerar consequências para a humanidade como para ela que neste contexto identifica o Mal.

O simbolismo que Mircea Eliade e Paul Ricoeur apresentam está, também, instalado nas hermenêuticas instauradoras, pois, para eles, o símbolo tem um sentido espiritual e corresponde a uma experiência particular, de uma qualidade original e irreduzível, que é o Sagrado. Não existe, então, pensamento simbólico sem a categoria do entendimento ou a consciência do Sagrado (MOURA, p. 77).

Confirma-se que os símbolos não são meras representações de sinais, já que o sinal é essencialmente artificial ou convencional. Os símbolos pertencem ao mundo de significados; logo, todas as relações simbólicas são relações significativas; enquanto que os sinais, são abreviações fixas e convencionais para algo conhecido (MOURA, p.78).

No dicionário de símbolos a imagem da serpente se adequa à ideia de vida. No plano humano, é o símbolo duplo da alma e da libido (CHEVALIER; GHEERBRANT 2012, p 815). A serpente indica diversas idealizações no plano simbólico e nesse contexto se adequa provavelmente ao que pretende este estudo, quando há identificação comparativa sobre o processo do que envolve o consciente e aos aspectos que serão analisados e vistos como caóticos e impulsionados para o inconsciente segundo uma perspectiva Junguiana.

Segundo Jung (2011, p. 202) um conceito ou uma figura são simbólicos quando significam mais do que indicam ou expressam. Eles têm um aspecto abrangente “inconsciente” que nunca se deixa exaurir ou definir com exatidão.

A serpente mítica poderá estar associada caracteristicamente a dois processos, em alguns casos como uma figura resplandecente do consciente e também em determinados momentos como imagem do inconsciente a partir da análise de identificação sobre os padrões destes aspectos na psique conforme Jung.

A parte inconsciente do acontecimento psíquico alcança a consciência – se a alcança – apenas por via indireta. O acontecimento que revela a existência de seu lado inconsciente está marcado por sua emotividade ou por um interesse vital que não foram reconhecidos conscientemente. A parte inconsciente é uma espécie de segunda intenção que no decorrer do tempo poderia tornar-se consciente com a ajuda da intuição e através de uma reflexão mais profunda (JUNG, 2011, p.203).

O inconsciente não se identifica simplesmente com o desconhecido; é antes o psíquico desconhecido, ou seja, tudo aquilo que, supostamente, não se distinguiria dos conteúdos psíquicos conhecidos quando se chegasse à consciência (JUNG, 2012 p. 103). Portanto não podemos considerar o inconsciente como um aspecto negativo da psique, mas como um determinado depósito de passados, presentes e possíveis futuros que podem ser manifestados na consciência. Com a serpente mítica podemos transitar a associação entre o presente induzido ao passado que se lança em um futuro de possibilidades simbólicas. Combinamos essa associação às narrativas míticas judaico-cristã e nórdica.

Quando observamos a Serpente do jardim do Édem, logo adequamos a caracterização nesse contexto como imagem do “mal perturbador”. Na tradição oral Talmúdica adequamos a imagem do mal ao fator dual da mesma imagem, a serpente. Contamos com a versão da serpente e o mal e a serpente no trânsito em protesto contra a ação patriarcal. Observemos a narrativa que dualiza a questão da serpente:

Então Iahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, Iahweh Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem. Então o homem exclamou: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne de minha carne! (..) A serpente era o mais astuto de todos animais dos campos, que Iahweh Deus tinha feito. Ela disse à mulher: “Então Deus disse: Vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?” A mulher respondeu à serpente: “Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte.” A serpente disse então à mulher: “Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.” A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu (...) (ANÔNIMO, 2012, p. 36-37).

Percebe-se inicialmente a versão que indica Eva sendo a primeira mulher e em diálogo com a Serpente, aceitando o fruto proibido, para descoberta sobre a vida. Eva comete desde então a desobediência a Deus, segundo a narrativa, e sofre as consequências de tais atos. A serpente em questão é a figura do mal que induz ao pecado, a fonte e canal da desobediência, no entanto, na segunda versão sobre esta mesma narrativa surge a figura de Lilith.

A narrativa mítica sobre Lilith está inserida na tradição rabínica de difusão oral encontrando-se este no Talmude³. Portanto, trata-se de um mito primitivo, seguramente anterior, na redação jeovística da Bíblia, ao mito de Eva. Por isto se pode dizer que Lilith foi a primeira companheira de Adão (SICUTERI, 1986, p.37). Considera-se Lilith enquanto uma imagem arquetípica no conhecimento judaico que demonstra um desconforto em viver subordinada ao comando de Adão, o qual se portava intransigente para infringir o paradigma patriarcal. Logo na primeira criação advimos à estrutura patriarcal incidida do primeiro homem na recusa que segue neste mito.

O Velho Testamento, entendido como uma obra de tradição do Oriente Médio ligado às civilizações da Mesopotâmia, fornece dois relatos da criação da mulher. Lilith nasceu da discrepância entre esses dois mitos. No primeiro relato do mito da criação, na Bíblia, Adão havia sido criado à imagem de Deus (Gên. 1, 27), assim descrito: “Macho e fêmea os criou”. (KOLTUV, 1986, p. 27).

De acordo com Koltuv (1986, p. 27), o segundo relato discrepante da criação da mulher no Velho Testamento inicia com Adão sozinho e esta unicidade de Adão é uma afronta a Deus, pois apenas Deus deve ser Uno. Adverte que, a exclusão da primeira

³ Em hebraico significa “estudo”, e é a obra mais importante da Torá Oral (tradições judaicas que narram as histórias contidas na Bíblia-Torá), editada sob a forma de um longo comentário em aramaico sobre seções da “Misná”. A palavra “Misná” significa repetição.

mulher (Lilith) seria confirmada em Gênesis 2, 23: “Eis, desta vez, o osso dos meus ossos e a carne da minha carne!”.

Nascendo no sexto dia, sendo umas das últimas criações de Deus, Lilith é criada logo após Adão e um pouco antes da criação dos demônios que, segundo Sicuteri (1998, p. 40), foram seres que tiveram apenas suas almas, pois o sétimo dia estava prestes a se apresentar, as trevas apareciam no entardecer e os seus corpos não foram criados. Deus não os completou com o corpo.

Lilith esteve entre os últimos seres a serem criados, provou das obras últimas de Deus, havendo a aproximação daqueles que foram os incompletos seres em criação. Koltuv (1986, p. 45) diz que Lilith é a fêmea de Adão, ou *Adamah*, a palavra hebraica feminina que designa terra ou chão, de modo que tanto o homem como a mulher provém da mãe terra, sendo eles moldados por Deus. Neste sentido, simbolicamente, percebemos a unicidade entre o homem e a natureza em que o primeiro aparece como extensão do segundo.

Surgindo após Adão e anterior aos demônios, a mulher que antecede Eva, Lilith, deve seguir a sua primeira missão, a de estar ao lado de Adão para completá-lo, no entanto, segundo a narrativa, sendo criada do mesmo pó, a mulher se sentia como igual ao homem e a partir deste entendimento esperava a igualdade em diversas ações. No desejo de autonomia, Lilith, solicitava a Adão, que durante a relação sexual as posições fossem invertidas e que estivesse também por cima algumas vezes.

Lilith então se decide, recusa-se à submissão e foge ao Mar Vermelho. Sendo uma “feminista militante”, ela replicou: “nós somos iguais, pois fomos ambos criados do pó (Adamah), portanto, eu não me submeterei a você” (AUSUBEL, 1989, p. 28). Enquanto isto sucede, Adão é colhido por uma sensação angustiada de abandono, “procurei em meu leito, à noite, aquela que é o amor de minha alma; procurei e não a encontrei” (Cant. III, 1 apud SICUTERI, 1998, p. 35). É a hora em que o Sol se põe e estão descendo as primeiras trevas da noite de sábado. Lilith se afastou. E vêm as trevas; pela segunda noite vem o escuro, o mesmo escuro da sexta-feira na qual Jeová Deus criou os demônios (SICUTERI, 1998, p. 36).

No escuro remetido aos demônios, Lilith foge ao Mar Vermelho, o lugar considerado como casa dos seres últimos. Buscava livrar-se da autoridade de Adão para adição da liberdade; seus passos eram provocadores e ousados, mas era uma afirmação à autonomia. Conforme Aquino (2010, p. 27), a liberdade é o campo das possibilidades da condição humana e é a antítese da área do destino. A liberdade que trouxe a negação de um “sim”, a submissão e o início da primeira separação entre o homem e a mulher, enquanto modelos primeiros de casamento e unidade, a partir de dois.

Para Sicuteri (1985, p. 37), a remoção e o lapso pairam entre as linhas do *Gênesis*: há o esforço de fazer ver que tudo era bom. A primeira versão da mulher (Lilith) havia sido removida, censurada; a segunda (Eva) não, pois exprime a aceitação da imagem “boa”, externa, da companheira, aquela que é mais agradável ao Pai e à Lei, mas que será também inexoravelmente fonte de pecado.

É interessante perceber que a primeira mulher foi também a primeira “feminista”, no princípio a primeira que demonstrou interesse pela igualdade. É possível entendermos que a remoção de Lilith, nas escrituras canônicas, pudesse ser explicada pelo fato da imagem não estar em concordância com a ideal para as mulheres. Eva seria o exemplo mais apropriado, segundo o espaço e tempo que, de acordo com Sicuteri (1985), teria acontecido provavelmente a remoção.

Dando continuidade à jornada de Lilith, compreende-se o porquê de sua fuga da autoridade de Adão, seguindo desde então, para o Mar vermelho. Adão queixou-se a Deus, e Ele enviou três anjos, Savi, Sansavi e Samangelaf, numa fracassada tentativa de

trazê-la de volta (UNTERMAN, 1992, p. 61). Por sua vez, Sicuteri (1985) diz que antes mesmo que os anjos seguissem em busca de Lilith, o próprio Deus tentou intervir sobre sua decisão solicitando o seu retorno: “O desejo da mulher é para o marido. Volta para ele” (p. 38). Lilith recusa o pedido.

Liberdade é a capacidade de decidir-se a si mesmo para um determinado agir ou sua omissão, respectivamente para este ou aquele agir (RABUSKE, 1986, p. 89). A primeira mulher recusa os pedidos feitos a partir de sua capacidade de decidir-se, em busca de sua autonomia, Lilith resiste mesmo podendo, a seguir, sofrer consequências tão desagradáveis, assumindo em si a liberdade de construir sua trajetória e viver conforme essa construção.

Ao recusar o pedido de Deus e dos anjos, Lilith recebe a consequência de sua decisão. Segundo Sicuteri (1986, p. 48) Deus encarrega Lilith de se ocupar de crianças, somente meninos, até o oitavo dia de vida, a data de sua circuncisão e também de atormentar homens em seus leitos. Os anjos voltam ao Éden, mas Jeová Deus já havia decidido punir Lilith, exterminando seus filhos (p. 40).

Sicuteri (1986) diz que na obra *Alfa Beta* de Bem Shira lemos que Lilith, acasalando-se com os diabos, gerava cem demônios por dia. Esses pequenos demônios foram mortos pela mão de Deus; e Lilith, buscando a vingança por esse ato, decide enfurecer seus próprios filhos e segue, à noite, estrangulando crianças em suas casas ou surpreende os homens no sono induzindo-os a mortais abraços (p. 40), e descrição equivalente no apócrifo *Bíblia do Rei Jacó*.

Lilith segue por sua liberdade, caminha sobre sua autonomia e logo mais é surpreendida pela novidade, surge a segunda mulher, aquela que nasce como parte de Adão, retirada de seus ossos, submissa, diferente da primeira. Segundo a narrativa mítica, grande foi o susto e difícil a aceitação e Lilith decide atormentá-los em sua jornada.

Há relatos de que Lilith tenha sido a serpente que influenciou Eva. É provável uma indicação sobre a possível busca pela intervenção contra a submissão feminina. A trajetória pela liberdade, indica também, a busca pela conquista em vencer Adão, quando segundo a narrativa não aceitava os pedidos da então, primeira mulher.

Essa luta surgia para alcançar, mesmo que inconsciente, a soberania sobre Adão, ao contrário de uma possível luta entre as mulheres primeiras. A partir de então é alcançado o desejo de Lilith, ela consegue influenciar Eva, equivalendo-se do poder de ser serpente-mal e o fruto é apreciado por Adão também. Esse é o momento em que Lilith alcança sua soberania.

Nesse momento, segundo a narrativa bíblica, Adão e Eva sofrem a consequência de seus atos, assim como também a serpente, mas a primeira mulher encontrou a concretização de seus desejos mais íntimos, o pedido negado antes, foi aceito em circunstâncias diferentes. Ela estava finalmente por cima, ele enfim disse sim, não à lei, mas à mulher, ou melhor, às mulheres.

Enfim, percebe-se que há o envolvimento da primeira mulher, com o desejo pela autonomia. Seus passos e busca de sentido, vão em direção à liberdade. Ela segue sua trajetória até uma apoteose que marca o ápice de sua vontade. Ao pensarmos na igualdade, percebemos que Lilith volta ao início, onde ela e ele foram criados do mesmo pó, Lilith marca o fim de Adão à igualdade entre os dois, ele se submeteu aos seus desejos, assim como ela se submetia aos desejos dele.

Desta forma, com a primazia do patriarcado, principalmente o judaico-cristão, a natureza, matéria, associada à mulher e ao feminino foi reprimida e dominada. Segundo Ribeiro (1996, p. 29), o Deus Uno condenou-a, ao mesmo tempo em que outorgou ao homem - como espécie e gênero, "*sua imagem e semelhança*" - o papel de Senhor do mundo.

Percebe-se que a função da Serpente tanto na versão bíblica com indicação de apropriação simbólica do mal quanto na talmúdica que indica a versão sobre Lilith indica um grande valor mitológico. Obtém-se duas versões para a imagem da serpente: a 1ª como o mal que induz o ato da desobediência ao divino-bem e a 2ª como a vingadora que não necessariamente é o mal da versão anterior, mas a identificação de uma busca intrínseca pela qualidade sobre a autonomia.

Na análise dos textos observa-se que a imagem mal da serpente é atrelada ao intuito que substitui a presença de uma determinação por igualdade da primeira mulher. Como dito anteriormente, a imagem mais adequada, de acordo com Sicuteri, é a de Eva que não demonstrou o combate por igualdade.

Neste sentido, a Serpente-Lilith é lançada ao “inferno” para que se torne o modelo de um aspecto negativo para a comunidade. Na psique, esse movimento poderia ser a adequação consciente que lança o caos para o inconsciente.

Portanto, Lilith, seria a extração, o que foi lançado para o inconsciente, no entanto, é o inconsciente com lapsos de manifestação no consciente e o que poderíamos adequar também entre o inconsciente coletivo. Os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade (JUNG, 2012, p. 51).

Segundo Jung (2012, p.132) o que é inconsciente pode tornar-se consciente, portanto, os lapsos de Lilith pode se estender a este entendimento, como também a sua figura mítica primordial arquetípica compõe o inconsciente coletivo, compondo um cenário de motivos em processo de transculturação frequente.

O conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos (...). O conceito de arquétipo que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique que estão presentes em todo tempo e em todo lugar (JUNG, 2012, p. 51 e 52).

De acordo com Jung (2012, p. 133) o estado dos conteúdos inconscientes não é de todo idêntico ao estado consciente. Por exemplo, os complexos afetivos não mudam no inconsciente da mesma maneira que mudam no consciente. Obtém-se, portanto, uma espécie de padrões, arquétipos “escondidos” em parte do consciente.

Na observação da narrativa judaico-cristã, de acordo com a relação consciente-inconsciente, Eva seria a imposição do arquétipo da primeira mulher, a imposição arquetípica da tradição judaico-cristã e no inconsciente não manifesto está o arquétipo verdadeiro, Lilith.

Observando outro contexto narrativo, mas em sequência com o episódio anterior citado, observa-se a serpente e a linhagem que segundo exegetas seria Jesus Cristo, o Salvador no Cristianismo: “Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” a imagem do animal novamente está associado ao mal. E esse mal precisa ser sufocado para a prevalência do bem e fica explícito a presença do grande Ser divino desta tradição, como o grande combatente do mal, a serpente, a possível Lilith, primeira mulher.

A associação de Lilith e a Serpente com a mulher, remete neste sentido ao constante combate para que prevaleça Eva, a imagem mais apropriada. Quando seguimos para a Serpente do Mundo que se associa ao Caos, logo identificamos semelhança ao que foi visto anteriormente. Interessante observar que no mito a ação de Odim ao jogar a serpente ao Mar, valida o alcance da Serpente por toda a terra, mordendo, inclusive, com a volta ao mundo, a sua própria calda.

A serpente do mundo é considerada inimiga dos deuses (estrofe 22), portanto, agente tradicional do caos, sendo denominada também de

irmã do lobo. (estrofe 23), referência para Fenrir, ambos filhos do semi-deus Loki com a gigante Angrboða; a terceira foi Hel, a governante do submundo e dos mortos (LANGER, 2007, p.72).

Essa imagem da serpente que alcança todo o mundo favorece ao pensamento sobre a construção do simbolismo. Segundo Jung (2012, p. 50) no inconsciente há o acúmulo dos opostos das nossas virtudes conscientes. Em Lilith obtemos a ação de transição da imagem mais ideal tomando Eva a apropriação do relato mítico, como sendo a primeira mulher. O ato de Odin em jogar sobre o Mar a Serpente, pode também iniciar o acesso ao alívio do que em Jung chamamos de consciente, para o Mar que seria o lugar que não é “visto”, o inconsciente.

O lançar para o inconsciente aquilo que deve ser escondido pode render análises importantes quando referimos à serpente, o mal, o caos. No inconsciente não necessariamente há o produto do caótico, que está obscuro a uma superfície que diríamos consciente. Para Jung, há no inconsciente aquilo que foi recusado e não entendido, o que não tem espaço para um alinhamento do que seria bom estar presente. Assim como há o lançamento da Serpente ao Mar, há também o lançamento da Serpente a penas duras pela indução ao pecado em Eva e em Lilith a rejeição sobre a imagem.

Na observação da luta de Thor contra a Serpente observa-se sob a análise dos aspectos do inconsciente e consciente em Jung, que o lançamento contra a serpente que pela pesca é puxada para o ambiente externo ao mar, encontra-se o espaço da pesca do inconsciente para o consciente, nesta narrativa mítica, para que houvesse o fim da serpente, ou seja, mediante os aspectos vistos anteriormente, a supressão de um arquétipo. As estrofes a seguir do poema édico, Hymiskvida, transcrito por Langer (2007, p. 71 e 72) demonstram o espaço do acontecimento.

*22. O guardião dos homens, o único destruidor da serpente,
fixou seu anzol com a cabeça do boi,
a isca mordeu - aquela que é inimiga dos deuses,
A cinta de todas as terras.*

*23. O destemido Þórr, puxa a serpente venenosa para cima da amurada,
com o martelo violentamente bate na cabeça,
da irmã, horrível, do lobo.*

*24. Os monstros gigantescos cambalearam,
as rochas ressoaram,
a terra antiga foi sacudida,
em seguida logo afundou o peixe no mar.*

Mediante diversos relatos, a imagem da narrativa sobre o episódio se encontra sem definição única, pois há relato que indica a morte da serpente; e também o que menciona o escapamento e sobrevivência da serpente.

Assim, Snorri deparou-se com mais de uma versão do mito da pescaria de Thor. Estas múltiplas versões já existiam na Escandinávia Viking, como podemos verificar na poesia escáldica: para Úlfr Ugasson (*Húsdrápa* 6) o deus

mata a serpente, enquanto em Bodasson (*Ragnardrápa* 19) ela escapa (LANGER, 2007, p.74).

Além desses 2 aspectos, segundo Langer (2007, p. 75) na língua antiga nórdica, a serpente do mundo era um ser masculino. A figura do masculino na associação com a serpente se encontra também na imagem do obelisco. Segundo Miele (2011, p. 14) o Obelisco simboliza o primeiro ato da criação, associado ao falo que se projeta para o céu. O falo surge a partir da interconexão entre dois círculos que se projeta a partir de um ponto central, essa imagem é conhecida como *vesica piscis*, a representação do Absoluto utilizada pelos egípcios nas primeiras dinastias. O obelisco é a imagem da ação do Absoluto no primeiro ato realizado pela vontade do criador (MIELE, 2011, p. 14).

O obelisco se faz presente até hoje como monumento para homenagear algum fato importante. Esse processo de transculturação recebe a identificação de Egiptomania. “A egiptomania é, portanto, o algo novo e faz parte do espaço transcultural já que consiste na representação e significação deturpada do modelo original” (JESUS, 2010, p. 24).

As criações “egiptomaníacas” visam procurar no passado – e um passado bastante atual e reconhecido, como é o caso do Egito – uma ligação com o presente, chamando a atenção para o objetivo pessoal a que se propõem. Por exemplo: uma loja que utiliza o nome ou a imagem da deusa gata Bastet (deusa da fertilidade e protetora das mulheres grávidas), geralmente está associada à venda de produtos místicos e esotéricos; um salão de beleza que apresenta a imagem da rainha Nefertiti tem por objetivo transmitir a ideia de beleza, etc. Mas nem sempre esses estabelecimentos comerciais fazem a relação correta do símbolo com o seu significado na Antiguidade e, por isso, se caracterizam como práticas de Egiptomania, pois conferem a esses símbolos novos significados na atualidade. (COSTA, 2012, p. 50).

Segundo Bakos (2002) há três tipos de leituras/pesquisa sobre o antigo Egito: a Egiptofilia, a Egiptomania e a Egiptologia.

A primeira, da Egiptofilia, busca o exotismo naquela sociedade e deseja a posse de coisas relativas ao Egito antigo. A segunda, da Egiptomania, faz reinterpretação e re-uso de traços da cultura do antigo Egito de uma forma que lhe sejam atribuídos novos significados. A última, da Egiptologia, caracteriza os olhares dos egiptólogos acadêmicos e trata com rigor científico tudo que se relaciona com o antigo Egito, inclusive práticas de egiptomania (BAKOS, 2002, p.2).

Portanto, a imagem do masculino no falo em conexão com a simbólica na serpente se faz presente desde o antigo Egito, nas primeiras dinastias, e o Obelisco, como vimos, é um símbolo egípcio que se utiliza atualmente em todo o mundo no processo de Egiptomania que mais uma vez induz à caracterização arquetípica no inconsciente coletivo.

Interessante também ver a serpente do mundo associada ao equilíbrio junto a Thor. Concebendo a ideia em discussão, esse equilíbrio é notado na psique como o espaço da consciência e do inconsciente que dá o equilíbrio necessário superficialmente. Na imagem que mostra a Serpente circulando o mundo, obtém-se a proposição de uma força que alinha ao redor aquilo que está em sustentação, ao meio.

Considerações Finais

Na caracterização da Serpente das narrativas míticas mencionadas ao que em Jung se estabelece entre o espaço do inconsciente com os “produtos” ditos caóticos e no consciente como aquilo que pode não estar “escondido” ou reprimido, obtém-se grandes similaridades, o espaço simbólico não se reduz ao que foi exposto, mas indica uma iniciação ao estudo para uma melhor concretização.

Tem-se, contudo, a certeza de que a simbólica da Serpente mítica indica grandes espaços, motivando o empreendimento de estudos mais intensificados para as questões. Na jornada do herói, aproxima-se o caminho do limiar, o espaço obscuro e da iniciação ardua de um famoso percurso à identidade na apoteose.

A Serpente Judaico-Cristã ou Nórdica, enfim, reduz-se a um espaço caótico, na primeira, em associação direta com o Mal e na segunda com a expressão, também, de oposição para combate. Diante do movimento entre as mediações do intuito em favor de um impulso ao que se caracteriza como aceitável no consciente há o valor de tradição, local, que viabiliza um determinado “arquétipo” ou “arquétipos” para socialização e há uma importância, inevitável, na estabilidade da transculturação que ocupa espaço no tempo cronológico.

A observação sobre o feminino, sobre a mulher e a imposição de um espaço reduzido a uma imagem de submissão e integração a um espaço inferiorizado, portanto, equivale ao que está consciente, o que pode ser viável, na estrutura comparativa vista no decorrer do estudo introdutório, ou seja, o espaço de Eva, a imagem mais aceitável; enquanto o ser feminino, a mulher e o espaço da autonomia em ser o que é, equivale ao espaço inconsciente, o que não deve ser exposto e que é “esquecido”, o espaço de Lilith.

Referências

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.
- AQUINO, Thiago Antônio Avelar. **Logoterapia e análise existencial: Uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl**. João Pessoa: Editora Universitária, 2010.
- AUSUBEL, Nathan. **Judaica: Um tesouro do folclore judaico**. Rio de Janeiro: A. Koogan, 1989. pp. 364-365.
- BAKOS, Margareth Marchiori. **Corpo e egiptomania**. Phoinix. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. v. 9. pp. 210-226, 2003.
- BENSION, Ariel. **O Zohar: O livro do Esplendor**. São Paulo: Polar, 2006. pp. 321-322.
- CASSIRER, Ernst. **Mito e linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- COSTA, Karine Lima da. **Anacronismo em charges: as análises da egiptomania**. Porto Alegre, 2012.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. 26 ed.
- JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia**. Petrópolis: Vozes, 2011a. 7 ed.
- JUNG, Carl Gustav. **A via simbólica: escritos diversos**. Petrópolis: Vozes, 2011b. 5 ed.

- KOLTUV, Bárbara Black. **O livro de Lilith**. São Paulo: Cultrix, 1986.
- MARDONES, José María. **A vida do símbolo: A dimensão simbólica da religião**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- MIELE, Neide. **Mitologia do Egito**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. 97 p. (Coleção Ciências das Religiões).
- PIRES, Valéria Fabrizi Pires. **Lilith e Eva: Imagens arquetípicas da mulher na atualidade**. São Paulo: Summus, 2008.
- RABUSKE, Edvino A. **Antropologia filosófica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- RIBEIRO, Maria de Lourdes de Campos Ribeiro. **O retorno da deusa: Uma necessidade pessoal e ambiental?** Rio de Janeiro: s/e, 1996.
- SICIUTERI, Roberto. **Lilith: A lua negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio e Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 153-154.
- LANGER, Johnni. O Mito do Dragão na Escandinávia. Parte dois: as Eddas e o sistema Ragnarokiano. Disponível em:
https://www.academia.edu/752551/O_MITO_DO_DRAGAO_NA_ESCANDINAVIA_PARTE_2_AS_EDDAS_BRATHAIR_7_2007#
- LANGER, Johnni. **Símbolos religiosos dos Vikings: guia iconográfico**. 2010. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao11outubro2010/simbolos-religiosos-vikings.pdf>
- LANGER, Johnni. **A morte de Odin? As representações do Ragnarok na arte das ilhas britânicas (séc.x)**. 2012. Disponível em:
<http://www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA11/langer1108.html>
- WIKIPÉDIA. **Jormungand**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jormungand>